

José Serrão



# ÓRFÃOS



HELEN: LIAM,  
QUERO QUE  
OLHES PARA  
MIM.  
LIAM: SIM.  
HELEN: OLHA  
PARA MIM.  
LIAM: ESTOU A  
OLHAR PARA TI.  
HELEN: OLHA  
PARA MIM.  
LIAM: CERTO.  
HELEN: QUERO  
QUE PENSES.  
E QUERO QUE  
ME DIGAS,  
DE QUEM É ESSE  
SANGUE.

# ÓRFÃOS

de Dennis Kelly, encenação de Henrique Fialho







Margarida Araújo

**FÁBULA** Um jantar romântico entre Danny e Helen é subitamente interrompido pela chegada do irmão de Helen coberto de sangue no tronco. Questionado sobre o sucedido, Liam começa por responder que encontrou na rua um rapaz esfaqueado e sujou-se ao tentar ajudá-lo. O primeiro instinto de Danny é chamar a polícia, mas Helen pede a Danny que não o faça. Este estranha o pedido, justificado com a alegação de que Liam tem cadastro e, por isso, a polícia poderá desconfiar dele. Interrogado pela irmã e pelo cunhado, Liam titubeia nas réplicas, vacila nas explicações, tenta mudar de assunto, inventa histórias cada vez menos coerentes. Grávida de um segundo filho, Helen ameaça abortar se Danny insistir em chamar a polícia. Liam, com um passado de comportamentos impulsivos violentos, tenta manipular a irmã e o cunhado apelando aos laços familiares. Para os dois irmãos órfãos proteger a família é mais importante do que socorrer um desconhecido na rua. «Então é nisto que o mundo se tornou agora? Quem conhecemos e quem não conhecemos?», pergunta Danny. Ansioso, Liam acaba por ser traído pelo toque do telemóvel que tinha referido estar sem bateria. A revelação do sucedido deixa Danny incrédulo e Helen em alerta, levando a uma sucessão de más decisões sobre o que fazer com o rapaz supostamente ensanguentado na rua. De cena para cena, os laços familiares vão-se deteriorando com os desmentidos e as revelações de Helen sobre o passado com Liam. A barbárie das ruas invadiu o lar, estilhaçando por completo, com os instintos humanos mais básicos, a possibilidade de uma vida doméstica pacífica.

# DO ROMANTISMO A TORTURA

*Como sucede que cada execução nos ofenda mais que um assassínio? É a frieza dos juízes, a penosa preparação, a noção de que, neste caso, um homem é utilizado como um meio para intimidar outros. Pois a culpa não é punida, mesmo que houvesse: ela reside nos educadores, nos pais, nas companhias, em nós, não no assassino — eu refiro-me às circunstâncias motivadoras.*

Nietzsche,  
in **Humano, Demasiado Humano**  
(trad. Paulo Osório de Castro)

A epígrafe de Nietzsche serve-nos como uma espécie de avisto encontrado à entrada de um edifício perigoso. “Órfãos”, de Dennis Kelly, é um desses edifícios, pois implica-nos, do princípio ao fim, numa situação em que nos sentimos compelidos a julgamentos mais emocionais do que racionais. Como veremos, todos os julgamentos sobre personagens são precipitados.

Estreada a 31 de Julho de 2009 no Traverse Theatre, em Edimburgo, esta é uma das peças mais bem-sucedidas de um dramaturgo inglês com carreira feita também como argumentista para cinema e séries de televisão. Desde a estreia, “Órfãos” nunca mais deixou de ser encenada um pouco por todo o mundo, quer por companhias profissionais, quer em contextos amadores ou universitários.

O trabalho que agora se apresenta ao público surgiu de um desafio lançado por Fernando Mora Ramos, director artístico do Teatro da Rainha, a Henrique Fialho: traduzir e encenar este texto que, no âmbito da programação levada a cabo em 2025, como que encerra um ciclo de análise sob formas de violência distintas numa actualidade em que o distópico nos surge tendencialmente mais verosímil: hipervigilância e perseguição aos imigrantes em “Quem está aí?”, resultado de um projecto de escrita colaborativa entre Cecília Ferreira, Elisabete Marques, Henrique Manuel Bento Fialho e Manuel Portela; o esbulho e o extermínio da guerra levados a cabo pelos grandes impérios em “A Noite dos Visitantes”, de Peter Weiss; o ódio racial em “Órfãos”. Mas não nos adiantemos.

## 1. O QUE ACONTECEU?

No início era o romantismo de um jantar à luz das velas, neste caso embalado pela música “Mysteries”, de Beth Gibbons. A escolha nada tem de fortuito, já que a canção fala dos momentos pacificadores que fazem a vida valer a pena. O ambiente introduzido remete, pois, para uma dessas raras ocasiões em que, protegido do mundo no conforto do lar, um casal pode suspender o curso da guerra lá fora, no exterior, na rua onde lobos solitários e matilhas selvagens se confrontam. Aí estão Danny (Tiago Moreira) e Helen (Inês Barros) exercendo o seu efêmero direito à interrupção.

A inesperada entrada de Liam (Fábio Costa) em cena, coberto de sangue no tronco, descontinua abruptamente o ambiente de bem-estar, deslocando para o interior do lar o desassossego das ruas: «lá, não é meu, é sangue dum rapaz. Um merdas, apenas um puto desgraçado.» Daqui em diante, o que teremos entre as três personagens é um jogo triangular entre paredes, não quatro, mas duas interiores e uma exterior, um triângulo numa geometria diagonal que sugere, na cenografia assinada por José Carlos Faria, uma desarrumação que se ajusta à situação representada.

Liam começa por dizer que o sangue é de «uma pessoa deitada na rua, deitada no chão, no alcatrão», mas, pressionado pelas dúvidas do cunhado e da irmã, acrescenta que o rapaz foi esfaqueado, que estava inconsciente, que se levantou e desapareceu como um relâmpago, enredando-se numa série de contradições que escancaram as portas à desconfiança. A dado momento, in-

quietada com as perguntas de Danny, Helen atira-lhe com esta: «tu não és a merda do Perry Mason.» No original fala-se de Petrocelli, personagem de ficção certamente menos familiar ao público português. Ambos são advogados de defesa e ocupam neste contexto um papel mais relevante do que possa parecer à partida.

Comparada amiudadamente a um “thriller psicológico”, rótulo que o Autor não corrobora, “Órfãos” tem, de facto, traços de suspense alicerçado na tensão emocional entre as personagens, traços esses evidenciados em cena por pausas longas e curtas, silêncios desconfortáveis, mãos trémulas, narrativas estilhaçadas em fragmentos aparentemente desconexos, acelerações e desacelerações de um discurso altamente argumentativo e dialógico. A dúvida sobre o que possa ter acontecido a Liam só será verdadeiramente esclarecida no final, ainda que pelo meio muitas revelações emirjam à laia de pistas sobre a própria condição existencial dos protagonistas. O que se torna desde logo evidente no primeiro Acto é a volatilidade dos laços familiares, usados por Liam como ferramenta de manipulação da irmã e jogados por Helen, grávida de um segundo filho, como cartada derradeira na alteração com Danny: «decide quão importante a tua família é para ti.» Neste sentido, podíamos até extrapolar uma leitura de “Órfãos” à luz dos conflitos inaugurados pela tragédia clássica: temos um evento catastrófico num seio familiar rubricado pelo conflito e pela disrupção, numa cidade que não está de todo ausente, antes pelo contrário, estigmatizada pela degenerescência da lei. O grande ausente será Deus, numa trama que expõe falhas humanas até ao colapso do núcleo familiar.



## 2. O QUE VAMOS FAZER?

Se no primeiro Acto a dúvida é acerca do que aconteceu, o segundo Acto desenvolve-se a partir da dúvida sobre como proceder face ao sucedido. Só ainda parcialmente conhecemos os factos, mas, confiando nas explicações de Liam, tanto Helen como Danny terão de tomar decisões. Mais escrupuloso, Danny começa por ceder aos apelos de Helen. No entanto, o tema carece de esclarecimentos: até onde estamos dispostos a ir na defesa de um familiar que cometeu um crime? De outro modo, os valores da família devem sobrepor-se aos deveres para com a sociedade?

Declara Helen no final do primeiro Acto: «Se o rapaz for inocente, lamento por ele. Se não for, então não lamento. Mas eu não o conheço.» Ao que Danny interroga: «Então é nisto que o mundo agora se tornou? Quem conhecemos e quem não conhecemos?» Todo o segundo Acto se desenrola a partir daqui, a partir das certezas de Helen e das dúvidas de Danny no termo da primeira parte. Para ela, só está em causa proteger o irmão. Para ele, não pode deixar de estar em causa o compromisso social. O conflito é modelar, remete para essa oposição matricial da axiologia e da ética ocidentais que busca reflectir o papel e a responsabilidade do indivíduo para lá da sua individualidade.

Olhemos para o título da peça. A orfandade aludida acolhe várias interpretações, sendo que a mais óbvia decorre da natureza das próprias personagens. No desenrolar da acção vamos sendo informados sobre a educação de Helen e de Liam num orfanato. Liam

há-de falar-nos de Shackleton e do Director Hilson, de como a hipótese de vir a ser separado da irmã o atormentava. Helen há-de dar-nos conta de um processo de adopção abortado que a obrigou a permanecer com Liam. Mas, além disto, há um outro tipo de orfandade que o próprio Dennis Kelly foi sugerindo em entrevistas oferecidas à data da estreia de “Órfãos”: a orfandade social.

Citamos, de uma entrevista a Lyle Brennan, do *The Skinny*, a 8 de Agosto de 2009: «Evidentemente em sintonia com as opiniões partilhadas por grande parte do país, Kelly fala com veneno sobre a guerra no Iraque, o escândalo da despesa e da recessão. Não é surpresa, por isso, que o título da sua nova peça “se refira a uma sensação de nos sentirmos órfãos dentro da sociedade. Sentimo-nos um pouco como se tivéssemos sido abandonados pelas pessoas que deveriam cuidar de nós.»

Ora, nada disto pode ser dissociado das soluções possíveis para a pergunta: o que vamos fazer? Como num desses carrosséis mencionados numa conversa sobre feiras de máquinas a vapor, cada Acto de “Órfãos” é uma nova volta na montanha russa do “nós vs. eles”, do nós e os outros, como se, para falar com Dostoiévski, não fôssemos todos culpados de tudo e de todos. Nos dias correntes, esta oposição acarreta implicações terríveis consequentes do reavivar das teses maniqueístas da extrema-direita que opõem pessoas de bem a pessoas de mal. Esta é também uma peça que exemplifica de modo assaz plausível como a prática do mal não é exclusiva de uma das partes.





### 3. COMO CHEGAMOS AQUI?

Talvez seja este o momento ideal para falarmos de personagens fantasma, aquelas que, apesar de não aparecerem, influenciam determinantemente a acção. “Órfãos” tem um número considerável delas. Desde logo Shane, filho de Helen e de Danny deixado aos cuidados da avó. É referido em todos os Actos, por diferentes motivos. O primeiro releva o contexto familiar de Danny, bem diferente do de Helen e do de Liam. Danny, ao contrário de Helen e Liam, tem uma mãe que cuida do neto. Depois, Shane é usado por Helen como argumento na discussão com Danny: «E se fosse o Shane?» Esta criança invisível confere ainda a Liam uma humanidade e sensibilidade raras, pois é evidente o afecto do tio pelo sobrinho que, no quarto Acto e na presente encenação, comparece em cena num componente cenográfico que remete para a sua onnipresença: o cavaleiro de embalar.

Temos ainda Jeanie e os falecidos pais de Helen e de Liam, três mortos aparentemente visitados amiúde no cemitério: «Visitaste a campa?», pergunta Liam a Helen. Esta responde: «Da mãe e do pai ou da Jeanie?» Se os progenitores assumem um papel crucial enquanto marcos num passado familiar disfuncional, Jeanie é mais um elemento a reforçar a humanidade de Liam. A t-shirt ensanguentada terá sido uma oferta desta pessoa recordada invariavelmente com inusitada ternura, também ela contribuindo para um padrão de abandono e de separação na vida dos dois irmãos órfãos: «Era um anjo. Queríamos ter ficado com ela. Estivemos em contacto todos aqueles anos.» Lugar bem diferente ocupa Ian na exposição dos factos.

Para Helen, Ian é a má influência de Liam. Para Liam, ele até pode ser «um conas», mas é «dos nossos, por isso...» Por isso tudo se lhe perdoa, até os comentários racistas e as colecções de objectos nazis, até o ódio racial, os filmes violentos, todo o tipo de material que remete para a desumanidade de um mundo representado por metonímia nas ruas cheias desses rapazes que insultam Helen e agridem Danny, essa mesma rua que é transportada para dentro de casa na t-shirt manchada do sangue de um rapaz deitado no alcatrão, uma rua desprovida de moralidade, território selvagem com os seus guetos recortados pelo estigma da referência a um bairro social. Terá sido para lá que o rapaz ensanguentado fugiu, logo talvez não seja boa pessoa. Os preconceitos sociais que hoje atormentam as sociedades ditas desenvolvidas são salpicos de sangue na vertiginosa discussão que levará à destruição deste triângulo familiar. O “nós vs. eles” usado como argumento por Helen e acolhido por Liam na sua reiterada declaração de que não é racista, reproduzem a falácia reavivada pelo populismo das “pessoas de bem vs. pessoas de mal”. O que também nos é dado a perceber nesta peça é como todas essas generalizações, todos esses estereótipos, redundam no erro crasso de pensarmos que estamos a salvo da maldade, como se o mal não fosse inerente a qualquer ser humano, como se a bondade não fosse uma construção da razão sobre os instintos mais básicos e animalescos. A transformação operada em Danny ao longo da peça é, por isso, exemplar quanto ao potencial latente em qualquer pessoa, independentemente da robustez que em si tenham os valores de uma consciência moral sempre frágil e permeável.





## 4. O QUE VAI SER DE NÓS?

Harold Pinter, com quem o trabalho de Dennis Kelly é por vezes comparado, escreveu o que a seguir citamos num artigo intitulado “Escrever para teatro” (trad. Francisco Frazão): «Se tivesse de afirmar um preceito moral, seria qualquer coisa como: cuidado com o escritor que expõe a sua causa para que a abracem, que não vos deixa dúvidas sobre o seu valor, a sua utilidade, o seu altruísmo, que declara que o seu coração está no sítio certo e se assegura de que pode ser clara e totalmente visto, uma massa pulsante no sítio onde deviam estar as suas personagens. O que é apresentado, a maior parte das vezes, enquanto corpo de pensamento activo e positivo é de facto um corpo perdido numa prisão de definição vazia e lugar-comum.»

Cremos que Kelly concordaria facilmente com esta afirmação, reflectindo nomeadamente nestes “Órfãos” que nos deixam com mais dúvidas do que certezas sobre eventuais vícios e virtudes das personagens. Evitemos, portanto, julgamentos precipitados, todas elas ocupam aqui um lugar de dúvida sobre o mundo em que vivemos e as relações estabelecidas entre os indivíduos. No final, cada um de nós, leitores, actores, público, tenderá a fazer as suas alegações, sendo certo que nenhuma delas determinará o futuro de figuras enraizadas num passado que é o da acção concentrada num curto espaço temporal.

À pergunta “o que vai ser de nós?” cada qual responderá a seu modo, de acordo também com a sua própria experiência pessoal. O que nos inquieta no termo des-

ta noite alucinante não é tanto o futuro de Liam, que podemos imaginar bastante diverso, nem o de Danny, depois da metamorfose sofrida, nem o de Helen, na sua solidão de mãe grávida de um segundo filho. Tanto este, que poderá vir a nascer ou a ser abortado, como Shanie, são já parte integrante de um mundo contraditório e, por isso, altamente desafiante, um mundo que a todo o momento exige cuidados redobrados sobre interpretações enviesadas da realidade. “Órfãos”, alguém o disse, não é um passeio tranquilo. A vida também não.





## O AUTOR

**Dennis Kelly** (Londres, 16 de Novembro de 1970) é filho de irlandeses católicos emigrados em Londres. Estudou na Finchley Catholic High School, abandonando os estudos aos 16 anos para trabalhar num supermercado. Descobriu o teatro por essa altura, juntando-se a um pequeno grupo local com o nome Barnet Drama Centre. Problemas de alcoolismo obrigaram-no a tratamentos com os Alcoólicos Anónimos, regressando aos estudos e formando-se em Drama e Artes Teatrais, com 30 anos, no Goldsmiths College, na Universidade de Londres.

A amizade com a actriz e encenadora irlandesa Sharon Horgan foi determinante para que se dedicasse à escrita, nomeadamente com uma primeira peça que ambos meteram em cena, posteriormente renegada por Kelly, intitulada "Brendan's Visit". O primeiro trabalho profissional foi a peça "Debris", levada à cena no Theatre503 em 2003. Seguiu-se a controversa "Osama the Hero" (2005), no Hampstead Theatre. Em 2005 escreveu "After the End", produzida pela companhia Paines Plough. Seguiram-se "Love and Money" (2006), no Royal Exchange, em Manchester, "Taking Care of Baby" (2007) e "DNA" (2007), no National Theatre, um dos trabalhos que mais o projectaram enquanto dramaturgo.

"Orphans" (2009) estreou com encenação de Roxana Silbert, tornando-se rapidamente num dos trabalhos mais bem-sucedidos de Dennis Kelly. Foi-lhe atribuído o Prémio Herald Angel no importante Edinburg



Fringe Festival. Desde a estreia, “Orphans” tem sido objecto de inúmeras encenações em variadíssimos países (França, Espanha, Itália, Índia, Grécia, Croácia, Países Baixos, Brasil, Coreia do Sul, etc.).

Além da escrita para teatro, Dennis Kelly afirmou-se igualmente enquanto argumentista para cinema — “Matilda the Musical” (2022) e “Black Sea” (2014) — rádio e televisão, assinando séries tais como “Spooks” (BBC), “Pulling” (BBC Three), “Utopia” (Channel 4), “The Circuit” (Channel 4) ou “The Third Day” (HBO). Tanto pelas séries para televisão como pelas peças de teatro, Dennis Kelly tem sido bastas vezes premiado. Em 2017, foi-lhe atribuído um Honorary Fellowship pela Goldsmiths, University of London. É geralmente apontado como um dramaturgo cujo trabalho, rico e intenso, aborda temas socialmente pertinentes, negros, e orientado pela força das personagens.

# ÓRFÃOS

M/16

Autor: **Dennis Kelly**

Tradução e encenação: **Henrique Fialho**

Cenografia: **José Carlos Faria**

Desenho de luz: **Hâmbar de Sousa**

Som: **Raquel Capitão**

Interpretação: **Fábio Costa** (Liam), **Inês Barros** (Helen) e **Tiago Moreira** (Danny)

Guarda-roupa: **acervo do Teatro da Rainha**

Graffiti: **Ricardo Henriques**

Direcção técnica: **Hâmbar de Sousa**

Produção executiva: **Rebeca Vendrell**

Montagem e construção do cenário: **Joel Pereira**

com o apoio de **Gil Pereira**

Operação de luz: **Hâmbar de Sousa**

Operação de som: **Raquel Capitão**

Fotografias do programa: **Margarida Araújo**

e **Patrícia João Carvalho**

Spot TV e rádio: **Raquel Capitão**

Comunicação e públicos: **Henrique Fialho**

e **Nuno Machado**

Programa: **Henrique Fialho**

Secretariado: **Teresa Almeida**

Agradecimentos: **Beatriz Machado** e **Martin Godwin**

## O LIVRO

Desde a estreia em 2009 no Traverse Theatre, em Edimburgo, que a peça Órfãos, de Dennis Kelly, nunca mais deixou de ser encenada um pouco por todo o mundo. A orfandade aludida no título dá-se tanto no plano familiar como no plano social. O jantar romântico de Helen e Danny, abruptamente interrompido pela entrada em cena de Liam, irmão de Helen, é o mote para uma discussão sobre a volatilidade dos laços familiares, as fracturas sociais nas democracias liberais, a criminalidade, o aborto, os efeitos da imigração, o racismo, a tortura, a alienação da consciência moral e dos valores que a sustentaram. A lógica das “pessoas de bem vs. pessoas de mal” é aqui desmontada através de um dilema moral clássico: se alguém que amamos cometer um crime, o que devemos fazer? Denunciar ou proteger? O mal deixa de ser exclusivo de uma das partes, pode surgir em qualquer lugar e a qualquer momento. Até num jantar romântico.



Disponível  
no Teatro da Rainha



JORNAL-CALDAS



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN





[www.teatrodarainha.pt](http://www.teatrodarainha.pt)  
[geral@teatrodarainha.pt](mailto:geral@teatrodarainha.pt)  
262 823 302 | 966 186 871